



DIALÉTICA
EDITORA

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Gustavo Melo Franco Bahia	Luiz Carlos de Souza Auricchio
André Luís Vieira Elói	Marcelo Campos Galuppo
Bruno de Almeida Oliveira	Marcos Vinício Chein Feres
Bruno Camilloto Arantes	Maria Walkiria de Faro C. G. Cabral
Bruno Valverde Chahaira	Marilene Gomes Durães
Cintia Borges Ferreira Leal	Rafael Alem Mello Ferreira
Flavia Siqueira Cambraia	Rafael Vieira Figueredo Sapucaia
Frederico Menezes Breyner	Rayane Araújo
Jean George Farias do Nascimento	Régis Willyan da Silva Andrade
José Carlos Trinca Zanetti	Renata Furtado de Barros
José Luiz Quadros de Magalhães	Robson Araújo
Leonardo Avelar Guimarães	Rogério Nery
Ligia Barroso Fabri	Vitor Amaral Medrado

Copyright © 2020 by Editora Dialética Ltda.

Copyright © 2020 by Sue Marinho.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Capa: Thômaz Souza

Diagramação: Mirela Cavalcante

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M338d Marinho, Sue.

Duas Faces do Amor : uma história de amor e mistério nas terras escocesas / Sue Marinho. – Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020. 124 p.

ISBN 978-65-5877-517-1

1. Literatura. 2. Romance. 3. Narrativa. I. Marinho, Sue. II. Título

CDD B869

CDU 82(81)

Ficha catalográfica elaborada por Mariana Brandão Silva CRB-1/3150



SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Capítulo 3

Capítulo 4

[Capítulo 5](#)

Capítulo 6

[Capítulo 7](#)

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 1

Nos poucos dias em que estava em Londres, Bebel já havia percebido que a tal pontualidade britânica não era só “pra inglês ver”. Ela sabia que precisava correr, pois tinha apenas 10 minutos para pegar o trem rumo à realização de um antigo sonho: conhecer a Escócia. Naquele momento, se deu conta de que o esforço que fazia para manter uma vida saudável, o que incluía corridas diárias na orla da praia da Barra da Tijuca, onde morava, finalmente fez sentido. Colocou as pernas para trabalhar e correu, desesperadamente, do metrô até a famosa estação St. Pancras. Às 8h45m chegou à plataforma e, obviamente, foi a última passageira a entrar. Todos já estavam acomodados em seus lugares enquanto ela, ofegante e desengonçada, procurava seu assento. Quando finalmente o encontrou, tentou colocar sua mala no compartimento superior mas sua baixa estatura não a favoreceu.

— Deixa que eu te ajudo! — Disse o rapaz que estava sentado na poltrona ao lado da que ela iria se sentar.

— Obrigada! Respondeu com a cara mais boba do mundo, apreciando a beleza daquele desconhecido que iria passar as próximas horas ao seu lado.

Enquanto o belo rapaz guardava sua mala, ela se dava conta de que ele era a personificação exata do homem dos seus sonhos: loiro, alto, de olhos incrivelmente azuis, cabelos ondulados e compridos, presos por um coque mal feito e uma barba por fazer, que o deixava ainda mais charmoso.

Bebel se acomodava em seu assento, tentando pensar em como aproveitar aquela oportunidade e puxar assunto mas, para sua sorte, o tal

rapaz era bastante simpático e começou a conversa:

— Por pouco você não perde o trem!

— Nem me fale, acordei em cima da hora. Só Deus sabe o quanto eu corri pra conseguir chegar!

— Pelo sotaque, e pelo atraso, vejo que não é britânica — disse com sarcasmo.

— Ah verdade! Sou brasileira!

— Hum, brasileira! Bem que eu percebi que você tem uma beleza especial!

Bebel não era a típica mulata brasileira, de medidas fartas tão apreciada pelos “gringos”, embora tivesse um belo corpo escondido debaixo de todo aquele agasalho. Tinha a pele naturalmente clara, porém, dourada pelo sol, e expressivos olhos negros, emoldurados por sobrancelhas grossas, cabelos lisos e negros. Seus lábios carnudos e rosados pareciam desenhados à mão e abrigavam um sorriso que, além de esteticamente perfeito, carregava um brilho e simpatia que iluminou aquele vagão frio e sem graça.

— A propósito, meu nome é David — disse estendendo sua mão — e o seu?

— Maria Isabel mas todos me chamam de Bebel.

— Hum... Bébbéu — disse com sotaque arrastado.

Bebel achou engraçado.

— E de que lugar do Brasil você é?

— Sou nascida e criada no Rio de Janeiro: uma autêntica carioca!

— Uau, sou louco para conhecer o Rio, eu tenho a impressão que lá faz sol e calor todos os dias, e que as pessoas passam o dia inteiro na praia.

— Claro que não! Imagina! Realmente faz bastante calor na maior parte do ano mas as pessoas não ficam o dia todo na praia, nós precisamos trabalhar! É claro que, sempre que dá, a gente corre pra praia sim!

— Tenho muita vontade de conhecer o Rio, a famosa praia de Copacabana, o Cristo redentor, o Pão de Açúcar, assistir a um jogo de futebol no Maracanã, ir à uma roda de samba na Lapa...

— Hum, pelo jeito você sabe bastante sobre a minha cidade!

— Sim, sou realmente louco para viajar para lá, já programei várias vezes mas acabo desistindo por falta de companhia.

— Sério? Eu estava em Londres com uns amigos e eles tinham que voltar para o Brasil, como eu sonhava em conhecer a Escócia decidi vir sozinha mesmo!

— Então você é uma moça muito corajosa.

— Filho, eu moro no Rio de Janeiro! Você acha que a pessoa que mora no Rio de Janeiro tem medo de alguma coisa nessa vida?

David sorriu.

— Sempre ouço falar que o Rio é uma cidade muito violenta, isso me assusta um pouco.

— Infelizmente o Rio é uma cidade muito desigual e isso acaba gerando violência sim mas eu acho que as notícias exageram um pouco. Eu não trocaria minha cidade por lugar nenhum no mundo, e olha que já conheci lugares incríveis mas em nenhum deles eu me senti tão completa como no Rio.

— Desse jeito você está me motivando ainda mais a viajar para lá, então!

— Eu tenho certeza que você vai amar.

— Sabe, eu sou apaixonado pela música brasileira, em especial a Bossa Nova e samba.

— Eu sou suspeita para falar da música brasileira. Ela é a minha grande paixão também, tanto que virei professora de música e cantora de MPB.

— Você só pode estar brincando.

— Por quê?

— Também sou professor de música!

— Sério? Que coincidência incrível!

Nesse momento alguém, já incomodado com a empolgação do casal, resolveu indicar que eles estavam atrapalhando o silêncio da viagem e puderam ouvir um alto e irritado “*xiiii*”. Bebel colocou a mão na boca, segurou o riso e sussurrou no ouvido de David:

— Olha a brasileira aqui atrapalhando o silêncio dos europeus.

— Se você quiser podemos trocar mensagens pelo celular, assim não vamos incomodar ninguém.

— Claro ótima ideia, me passa seu número.

Durante todo o período da viagem os dois conversaram pelo celular como se estivessem a quilômetros de distância, porém, trocaram mais olhares e sorrisos do que *emojis*.

Bebel se dividia entre conversar com David e apreciar a paisagem que a maioria das pessoas do trem ignorava, incluindo David, que naquele momento só tinha olhos para ela.

— Estamos quase chegando, senhorita!

— Graças a Deus! Preciso fazer xixi mas não consigo usar o banheiro do trem, não vejo a hora de parar na estação.

— Acabou que nem perguntei aonde você vai se hospedar.

— Nossa! É verdade! Vou ficar num *hostel* chamado “casa da Sra. Cameron”.

— Ah sim — disse David com uma expressão que misturava espanto e sarcasmo — o *hostel* da minha mãe!

— Como assim? — questionou Bebel de olhos arregalados.

— Sim, minha mãe decidiu transformar sua casa em *hostel* pois ela estava se sentindo muito sozinha depois que meu pai faleceu.

— David eu não estou acreditando nisso! É muita coincidência!

Bebel ainda tentava processar a informação quando o trem parou na estação.

— Chegamos, brasileira.

— Graças a Deus! Preciso correr para o banheiro.

— Pode ir, eu levo sua mala.

— Como eu vou saber que você não vai embora com ela? — Disse sorrindo enquanto se levantava e aguardava as pessoas circularem pelo corredor do trem.

— Bom, primeiramente, não creio que tenha muitas coisas do meu interesse aqui, e em segundo lugar, estamos em Edimburgo, não no Rio, aqui você não será roubada!

— Ei, não fale assim da minha cidade — disse ela enfurecida dando lhe um forte tapa no ombro.

— Calma moça, foi só uma piada! Acho melhor você ir senão vai fazer xixi nas calças

Bebel aproveitou que o corredor estava mais livre e se apressou à procura de um banheiro.

— Eu achei que você ia apenas fazer xixi mas pela demora, o negócio foi feio hein!

Bebel respondeu ao sarcasmo de David com um tapa em seu ombro:

— Eu aproveitei para retocar a maquiagem e tinha umas trinta mulheres fazendo o mesmo, por isso que demorei.

— Ah sem problemas, eu também aproveitei pra dar uma aparada na minha barba e urinei ali no cantinho.

— Garoto esse seu humor britânico me irrita, sabia?

— Pelo menos eu não fui embora com as suas malas, viu? Agora deixe-me ir ao *toilette* mas eu prometo que não vou demorar 3 horas.

David caminhava em direção ao banheiro quando parou e gritou:

— Brasileira! Não fuja com minhas malas hein!

Bebel mostrou-lhe o dedo do meio e ambos sorriram. Enquanto ele seguia, ela rapidamente pegou o celular e criou um grupo para contar para todas as suas amigas que havia encontrado o “homem da sua vida”, ela detalhou toda a viagem e quando se deu conta, David estava de volta.

— Vejo que está bastante empolgada, brasileira! Está contando para as amigas que teve a sorte de viajar ao lado de um legítimo escocês?

Bebel ficou vermelha e sorriu.

— Como você adivinhou?

— Ah, eu também faria o mesmo — disse com sarcasmo — vou chamar um táxi para nos levar pra casa.

Capítulo 2

Mal o táxi parou em frente à sua casa e Cameron já estava na porta, a ansiedade para ver o filho era grande. Ao ver o rapaz acompanhado da bela jovem, se encheu de esperança: imaginou que, finalmente, o filho estivesse namorando.

Saiu ao seu encontro com o maior dos sorrisos e um abraço do tamanho de sua saudade.

— Meu Deus que saudade do meu menino!

Depois de um longo abraço, virou-se para Bebel e a cumprimentou com um aperto de mãos.

— Por que não me disse que viria com sua namorada, Davey?

— Na verdade não somos namorados mãe — explicou David um pouco sem jeito. — Nos conhecemos no trem e, por coincidência, ela vai se hospedar aqui.

— É que como Deus sabe que sou uma pessoa meio desorientada, Ele já colocou o David do meu lado para que eu não ficasse perdida por Edimburgo!

— Que coincidência mesmo hein! E eu achando que você era minha nora, que pena! Mas vamos entrar que os quartos de vocês estão preparados.

Cameron era muito receptiva e cativava seus hóspedes com chás, biscoitinhos e boas conversas. Se tornar uma anfitriã, através de um aplicativo onde pessoas comuns alugam suas casas, havia sido a válvula de escape para

que ela suportasse a solidão após a morte do esposo. Embora seu casamento não tivesse sido, nem de longe, o conto de fadas com o qual sonhou. Quando os filhos saíram de casa, ela ainda tinha Jayme, mas quando ele morreu, se deu conta de que não havia construído nada para sua própria vida. Se descobriu perdida e sem nenhuma perspectiva, até que sua neta sugeriu que ela transformasse aquela casa enorme num reduto de viajantes. A princípio ela foi resistente mas, após receber os primeiros hóspedes, percebeu que sua vida ganhou um novo sentido, por conta disso, ela fazia questão de tratar cada um deles como parte de sua família e, em pouco tempo, sua acomodação era uma das mais bem avaliadas e disputadas de Edimburgo. A Casa estava sempre cheia de pessoas de todas as partes do mundo deixando seus dias mais felizes e ampliando os horizontes antes tão limitados daquela senhora alta, magra, de olhos castanhos e pele clara, que refletia as marcas da idade e de uma vida sofrida.

Ao entrarem na casa, avistaram 4 pessoas na sala: 2 mulheres e dois homens que se esforçavam para se comunicar em inglês.

David passou pela sala cumprimentando timidamente, quase que em silêncio, os demais hóspedes que mal perceberam que alguém havia chegado, já Bebel, não conseguia passar despercebida, cumprimentou a todos com alta voz interrompendo a conversa que estavam tendo.

— Boa tarde pessoal!

— Boa tarde! — Responderam todos, retribuindo aquele sorriso intenso e cheio de luz.

— Estes são meu filho David e sua amiga Bebel.

David acenou de longe, enquanto Bebel abraçou e beijou cada pessoa na sala de estar.

— Você é meio doidinha, Bebel! — Disse quando ela se aproximou.

— Ah você acha? Na verdade eu acho que no Brasil nós somos mais calorosos, vocês europeus é que são muito contidos, muito sérios. Acho que você levaria um susto se eu te levasse num churrasco da minha família!

— Hum, tenho certeza que seria bem mais interessante que os encontros

da minha.

— Bom deixa eu colocar minhas malas no quarto e descansar um pouquinho, porque daqui a pouco, o senhor vai me levar para conhecer a cidade hein!

— Ah eu vou?

— Sim, você vai.

— Bebel, acho que minha mãe não vai me liberar tão cedo, já faz um tempo que não a vejo. Vamos fazer assim: eu fico com ela a tarde e às 8h da noite a gente vai num pub aqui perto tomar uma cerveja.

— Combinado então!

Os dois subiram a escada e, antes de entrar no quarto, Bebel deu um beijo no rosto de David que seguiu em direção ao sótão, seu antigo quarto, se sentindo um bobo.

Ele estava na metade da escada de acesso ao sótão quando se assustou com o grito de Bebel.

— *Sorry, sorry* — dizia enquanto fechava a porta do quarto.

— O que houve Bebel?

— Tem um casal transando no quarto! Eu acho que entrei no quarto errado, David! — Dizia sem saber se ria ou ficava com vergonha.

Sra. Cameron, que já estava subindo as escadas para conduzir Bebel ao seu quarto, também se assustou ao ouvir o relato.

— Mas só tem uma moça nesse quarto, ela vai dividi-lo com você.

— Então acho que ela encontrou alguém melhor que eu pra dividir o quarto com ela — disse Bebel com sarcasmo.

Cameron bateu na porta com a força de uma mãe brava.

— Ellen, quem está aí com você?

— Um momento, Sra. Cameron, já vou abrir.

Bebel não se conteve e caiu na gargalhada enquanto observava a fúria nos olhos de Cameron. Segundos depois surge na porta uma linda mulata, de cabelos bagunçados

— Me desculpa Sra. Cameron, eu achei que a moça só chegaria amanhã!

— E enquanto isso você faz minha casa de motel, mocinha? O que eu devo fazer com você diante dessa situação? Bem que me falaram que vocês brasileiras são muito fogosas!

— Você é brasileira? — Perguntou Bebel em português.

— Sim! Ai me perdoa!

— O que vocês estão falando? Não me diga que você é brasileira também?

— Sim, Sra. Cameron, sou brasileira! Fica calma, pode descer que eu vou conversar com ela em bom português!

— Só espero que você não siga o mesmo exemplo que a sua compatriota, senão eu vou colocar as duas pra fora!

— Mãe, fica calma, não precisa ofender a Bebel. Vem comigo até o sótão e deixa as duas se entenderem.

Cameron subiu irritada enquanto Ellen respirou aliviada.

— Por favor me perdoa, eu achei que você só chegaria amanhã e de acabei trazendo um carinha que conheci ontem pra cá.

— E ela não o viu entrar?

— Eu aproveitei que ela estava na cozinha e ele subiu rapidinho

— Depois o povo fala de brasileiro e não é à toa! — Respondeu Bebel com ironia.

De repente a porta se abre e de dentro do quarto sai um lindo homem negro, alto e forte.

— Hey — disse com uma voz grave e uma expressão extremamente envergonhada.

Bebel percebeu que era estrangeiro e disse:

— Menina, mas um negão desses até eu dava um jeito de colocar no meu quarto escondido!

Ellen deu uma gargalhada altíssima e se despediu do rapaz com um beijo rápido.

— Acho que a dona Cameron vai me expulsar da casa hoje mesmo.

— Jesus de misericórdia, não acredito que você trouxe esse deus africano pra cá! Tu é doida mulher?

Bebel se surpreendeu ao ouvir aquele inconfundível sotaque mineiro: era um dos rapazes que estava na sala e subia a escada admirando a beleza de Jason enquanto ele ia embora.

— Mais um brasileiro?

— Olha, bem que eu percebi que você não tinha cara de gringa — disse Bernardo.

— Pode tirar o olho que você já tem o seu boy — respondeu Ellen.

— Ai amiga, preciso de um pouco de cor na minha vida, aquele inglês é branquelo demais!

— Sinto muito baby mas essa melanina é toda minha.

Bebel se divertiu com a conversa dos compatriotas.

— Gente eu vim pra cá com tanto medo por estar sozinha e, de cara, eu encontro dois brasileiros na mesma casa que eu!

— Brasileiro é um vírus espalhado pelo mundo inteiro, querida — disse Bernardo.

— Vocês estão viajando juntos?

— Sim, trabalhamos juntos no Brasil, e agora aproveitei que o Bê arrumou um gringo e está morando em Londres para fazer a minha tão sonhada *eurotrip*.

— Que legal e vocês ficam aqui até que dia?

— Infelizmente vamos embora amanhã, disse Bernardo! Partiremos para a Irlanda no fim da tarde!

— Poxa que pena! Então, pelo jeito vou ter que conhecer a Escócia sozinha mesmo, né!

— Ah faz amizade com as turcas, elas vão ficar uns dias por aqui ainda.

— Que turcas que nada, mulher — disse Bernardo — pede para o seu amigo divo levar você!

— Ah ele não é exatamente meu amigo, a gente se conheceu no trem vindo pra cá mas já pedi pra ele me levar sim.

— Ah então você está em ótima companhia!

— Eu quero muito conversar com vocês mas agora deixa eu entrar nesse quarto e ajeitar minhas coisas. Não corre nenhum risco de eu encontrar uma poça de sémen não, né?

Ellen gargalhou novamente.

— Fica tranquila que a sua cama está intacta.

— A gente vai a um PUB mais tarde, as turcas vão com a gente, se quiser ir também...

— Claro que eu quero!

— Vamos sair umas sete e meia, a gente se encontra na sala de estar. Beijinho girls.

Bernardo foi em direção ao seu quarto e as meninas entraram no quarto delas.

Bebel se estirou em sua cama para ouvir a nova amiga contar a história de como conheceu Jason e decidiu levá-lo até a casa. As duas riam alto como se já se conhecessem a vida inteira.

Enquanto isso, David se acomodava em seu quarto e voltava a um passado do qual ele não gostava muito de se lembrar.

Mesmo com a mãe reclamando revoltada, com situação que acabara de vivenciar com Ellen, ele não conseguia discernir sequer uma palavra. Apenas mergulhava nas lembranças que aquele quarto lhe proporcionava. Cameron não o havia disponibilizado para locação pois David era o único filho que não morava em Edimburgo e ela gostava de deixá-lo sempre pronto para quando ele viesse visitá-la, embora isso fosse raro.

Enquanto a mãe falava sem parar, David, observava cada detalhe: seus super heróis de brinquedo, seus carrinhos antigos, o violão que ganhara do avô paterno, além de vários porta-retratos com fotos de toda a família, que Cameron havia colocado recentemente. A verdade é que o sótão, que foi a vida inteira um refúgio para David, se tornara agora um refúgio para ela

também, um lugar para onde ela corria nos momentos de solidão.

Uma foto em especial chamou a atenção de David: ele, por volta de seus 8 anos, e os pais no dia de sua primeira apresentação musical. Era incrível a semelhança física entre ele e o pai, de quem herdou também a paixão pela música, mesmo que Jayme jamais tenha se dedicado a ensinar-lhe, pelo contrário, era seu maior crítico. No dia em que aquela foto foi tirada, por exemplo, David estava muito nervoso com a apresentação e acabou errando muitas notas no piano. Após a bela foto, que a escola tirou de cada aluno com sua família, eles voltaram para casa e, durante todo o percurso, Jayme ofendia o filho, destratando-o pelos erros que cometeu:

— Na sua idade eu já tocava peças muito maiores, você mal consegue ler uma partitura, não produz nem um som decente no piano. Eu pago uma fortuna pra você estudar e você faz a pior apresentação da noite. Deveria ter vergonha de me chamar para assistir a esse lixo!

David segurou para não chorar. Olhava fixamente para a paisagem e trancava seu ódio entre os dentes enquanto a jovem Cameron pedia a Jayme que não fosse tão rude.

Ao chegarem em casa naquela noite, David correu para o sótão, onde finalmente pode chorar sem que ninguém o visse. Jayme, por sua vez, encheu seu copo de whisky, acendeu um cigarro e se sentou em frente à TV.

— Davey você ouviu o que eu disse?

— Me desculpa mãe, acho que mergulhei no túnel do tempo. Estou com uma dorzinha de cabeça chata sabe, queria ficar em silêncio um pouco.

— Ah claro! Tanto tempo sem ver a mãe e pede pra ela ficar quieta! Vou deixar você sozinho, ou talvez você prefira ficar com aquela brasileira. Eu vi como você estava olhando pra ela, quer que eu peça pra ela trazer as malas pra cá de uma vez, assim a amiguinha dela pode ficar à vontade pra trazer os machos dela pra minha casa!

— MÃE! — disse em alta voz — eu acabei de chegar e a senhora já está me lembrando porquê eu passo tanto tempo sem vir aqui!

— Ah sim, me desculpa, eu não posso falar nada mesmo! Quer que eu

traga um copo de whisky e um cigarro para você também?

— Não mãe, eu só quero que a senhora pare de fazer esse drama todo!

— Tudo bem, vou caçar o que fazer lá embaixo, talvez os meus hóspedes queiram me dar um pouco de atenção.

— Pare de drama dona Cameron, eu apenas pedi para senhora parar de falar um pouco. Está parecendo uma metralhadora! Eu estou cansado, só isso. Preciso de um remédio para dor de cabeça e tirar um cochilo — David abraçou a mãe — esse lugar mexe comigo e a senhora sabe muito bem o porquê.

Cameron olhou nos olhos do filho, suspirou e disse, mudando completamente o tom da conversa:

— Sei sim filho, você foi o que mais sofreu nessa casa.

— Não mãe, quem mais sofreu foi a senhora, e ainda está aqui, lutando pela sua felicidade depois de tudo o que passou. Eu te admiro muito sabia — disse com as duas mãos no rosto da mãe, olhando fixamente em seus olhos marejados.

Cameron se esquivou das mãos do filho e, discretamente, secou as lágrimas.

— Fiz sua comida favorita, vou para a cozinha colocar para esquentar e trago aqui.

— Não precisa trazer mãe, eu desço mas preciso de uma meia horinha pra ver se essa dor de cabeça alivia um pouco.

— Tá bom filho, vou esperar você descer pra esquentar a comida. — Deu-lhe um beijo no rosto e desceu.

David pegou um comprimido na bolsa e tomou com a água que ela já tinha deixado no quarto. Fechou a cortina deixando o ambiente totalmente escuro e se deitou.

*image
not
available*

— Agora você pode reduzir o compasso mas mantenha os mesmos passos: dois pra lá e dois pra cá.

— Me parece uma música mais romântica.

— É sim, a gente chama de “sofrência”.

— O que é sofrência?

— É música pra quem tá sofrendo por amor. Boa pra gente dançar assim juntinho — disse olhando fixamente para aqueles grandes olhos azuis. Recostou a cabeça no peito de David que, finalmente, se deixou conduzir pela melodia e quase não sentia mais os pés no chão.

— Eu gosto de sofrência — disse com sotaque engraçado.

— Bebel sorriu e voltou a recostar-se em seu peito, podendo sentir as batidas aceleradas do seu coração.

As horas voaram, e o repertório foi de sertanejo a pagode, samba e terminou com um funk acústico.

David não se lembrava de ter vivido uma noite tão divertida, exagerou tanto na bebida que caiu na dança sem se importar com sua falta de habilidade.

Faltando poucos minutos para as 23h, Geh cantou a última música e finalizou a noite:

— Pessoal agradeço a presença de todos. Infelizmente está na hora de fechar o PUB mas amanhã tem mais! Espero vocês!

Uma música baixa começou a tocar no sistema de som, enquanto as pessoas recolocavam seus acessórios de frio.

David estava completamente bêbado.

— Acho que vou ter que chamar um táxi, esse rapaz não vai aguentar chegar em casa andando não.

Ellen se ofereceu para ir com os dois e o restante do grupo iria a pé.

Quando o táxi parou em frente à casa, Ellen saiu para abrir o portão o voltou para ajudar Bebel a tirar David do carro. Cameron, que estava acordada na sala, ao ouvir o barulho, chegou da janela e viu o filho sendo carregado com dificuldade pelas duas garotas, rapidamente abriu a porta e foi

*image
not
available*

— Nossa, colocou a dona Cameron no lugar dela, parabéns!

Bernardo também estava de butuca e entrou na conversa:

— O que aconteceu gente, que barraco foi esse?

— Eu acho que a dona Cameron tá com ciúme de mim, é a única explicação.

— Mas eu tenho é certeza – disse Bernardo – ela estava toda empolgada falando da visita do filho, só que ele não deu a mínima pra ela.

— Mas gente, nós chegamos ontem! Ele dormiu a tarde toda e saiu a noite com TODOS NÓS. Agora ela quer ME culpar por ele ter ficado bêbado? Isso é ridículo!

— Pelo jeito a sua sogra vai ser uma bruxinha.

— Vai tomar seu banho pra gente sair garota, não tem sogra nenhuma.

Ellen voltou para o banheiro.

— Eu ouvi a dona Cameron falando que ele estava só de cuecas. E aí? Como é o corpicho do escocês? — Disse Bernardo.

Ellen abriu a porta de novo:

— Também quero saber.

— Gente — Bebel deu uma pausa e suspirou — não sei nem descrever tamanha perfeição... acho que tô apaixonada!

Ellen deu a sua típica gargalhada altíssima.

— Vai tomar seu banho garota.

— Tá bom tô indo.

Bebel e Bernardo continuaram no corredor.

— Não me venha com esse papo de que está apaixonada agora porque o lance de vocês dois começou no trem que eu sei.

— Começou mesmo – gritou Ellen do banheiro.

— Pois é, foi tudo tão louco, ele ali no banco ao lado, vindo para a mesma cidade, mesma casa – Bebel falava com o olhar cheio de paixão.

— Eu vi vocês dançando juntinhos ontem à noite. A sorte é que os boys daqui são mais devagar, do jeito que estava o clima ontem, se fosse um

Capítulo 5

4 graus negativos e uma chuva fina, como na noite anterior. Bebel estava super agasalhada mas o frio parecia uma navalha cortando a pele. Ainda assim, era possível observar várias mulheres usando meia calça e sapatilha e ela não conseguia entender como elas conseguiam pois, mesmo de botas e meias grossas, sentia seus pés congelarem.

— Já estou com saudades de reclamar dos 20 graus do Rio de Janeiro! Falou com Ellen.

Embora a sensação térmica não fosse a mais agradável, não era capaz de diminuir seu o encanto pela cidade. O céu cinza ajudava a compor um ambiente deliciosamente sombrio. Bebel foi tomada por um sentimento que jamais havia experimentado em nenhum outro lugar por onde passou: um nó na garganta e olhos umedecidos.

— Amiga você está bem? Tá pálida!

— Não sei, senti algo estranho.

— Tipo o quê?

— Não sei explicar.

— Eu hein, vamos entrar em algum lugar pra você se aquecer e tomar alguma bebida quente.

— Não precisa, eu estou bem, é só uma sensação estranha. Acho que é alguma coisa na atmosfera dessa cidade que mexeu comigo, talvez sejam as histórias que eu li, é como se eu estivesse dentro de alguma delas.

David pensou por alguns segundos até encontrar as palavras para responder.

— Eu tenho certeza de que você vai encontrar alguém muito especial.

Bebel olhou no fundo de seus olhos com a certeza que já havia encontrado e disse com um sorriso sincero:

— Eu tenho certeza de que vou sim.

Se aquilo fosse um filme, essa seria a hora em que os dois se beijariam ao som de uma linda música romântica, mas como não era, a cena foi interrompida por Noah, jogando sua bolinha de brinquedo no rosto do tio.

Bebel começou a rir e David pegou o sobrinho para brincar de luta.

Minutos depois Cameron convidou a família para se assentar à mesa mas, antes de servir a comida resolveu dizer algumas palavras:

— Eu quero dizer a todos vocês que esta é uma noite muito especial para mim, já que faz muito tempo que não reunimos a família inteira. Estou muito feliz que o David esteja conosco e também pela presença da Bebel. Infelizmente o Jayme não está mais entre nós. Embora, ele nunca tenha sido o pai que eu sonhei para vocês, eu sei que ele os amava do seu jeito e nesses últimos anos, com a doença, ele finalmente pode demonstrar isso. Eu sei que vocês o amavam também, apesar de tudo.

Era possível observar um misto de tristeza e amargura em cada rosto e o clima ficou pesado.

— Mas enfim, não quero que esse seja um momento triste — mudou a voz para um tom animado e sorriu — essa é uma noite especial! Vamos fazer uma Oração de gratidão e jantar.

Bebel estava emocionada. Se dividia entre a gratidão por estar ali e a curiosidade de entender melhor o sofrimento que marcava aquela família.

O jantar estava delicioso e o clima agradável. Depois de tirarem a mesa, voltaram para a sala de estar. David comentou que Bebel era cantora e todos insistiram por uma apresentação. Ela sentou-se no piano da sala e começou cantando a mais famosa música brasileira: “Garota de Ipanema”.

David correu em seu quarto e pegou seu velho violão para acompanhá-la.

— Ah não sei se seria uma boa ideia vocês conhecerem a comida brasileira através de mim.

— Por que, você não sabe cozinhar?

— Pra ser sincera: não.

— Sempre peço comida ou só faço comidinhas fitness tipo frango e batata doce mas, a propósito, que salsicha deliciosa!

— Se chama “black pudding”, é uma das nossas principais iguarias — comentou David — é feita de sangue de porco.

Bebel pausou a mastigação.

— Sangue?

Engoliu a seco.

— Acho que você não devia ter me contado isso.

Cameron começou a rir.

— Vocês comem coisas piores nesses *fast foods*.

— Acho que perdi a fome.

Cameron e David se divertiam com cara de decepção de Bebel.

— Eu ia te contar depois que você terminasse.

— Isso não foi justo.

— Que tal comer essa panqueca? Se chama *Tattie Scone* e é feita de batatas.

— Sem sangue?

— Sem sangue, eu juro!

Ao terminar, apenas a salsicha e feijões sobraram no prato.

— Até que, tirando a salsicha de sangue e o feijão, eu gostei do café da manhã, acho que não consigo comer mais nada hoje!

— Então vamos escovar os dentes e sair porque a nossa programação está bem extensa.

— Deixa eu tirar a mesa.

— Não precisa, disse Sra. Cameron.

— Imagina! Vou ajudar a senhora.

— Acho que já podemos descer, nossa próxima parada é o castelo.

Bebel se animou:

— Como dizemos no Brasil, “pra baixo todo santo ajuda”.

A caminhada até o castelo seguiu animada, havia muitas construções interessantes pelo caminho e Bebel fazia questão de fotografar o máximo que podia.

Uma em especial chamou sua atenção, havia várias pessoas entrando e ela quis saber do que se tratava. David explicou que era a *School of Divinity*, um dos mais renomados centros de estudos de religião e teologia do Reino Unido. A construção era realmente encantadora, no fundo do pátio era possível contemplar uma gigantesca torre, que Bebel já havia observado de outros pontos da cidade.

— David e essa torre aqui atrás, o que é?

— Hum o que você acha que é?

— Uma igreja?

— Talvez.

— Como assim? Vai fazer suspense?

— Sim. Vou te levar lá, porém só depois que descermos o castelo.

— Hum... estou curiosa.

Bebel caminhou até o centro do pátio e se imaginou numa cena de Harry Potter.

Após outra sessão de fotos, seguiram rumo ao castelo.

Enquanto subiam a colina, David entrou numa réplica de destilaria de whisky e agendou um horário.

— Hoje você vai ter uma experiência bem legal de como fabricamos nossa bebida mais famosa.

O coração de Bebel acelerava à medida em que se aproximavam do Castelo. Ela estava bastante empolgada e curiosa.

— Imagino que o castelo seja lindo por dentro!

— Não queria cortar seu barato, brasileira, mas esse castelo se parece

— Nem com a mamãe morta você dá descanso para alma dela.

— Ué ela não me deu descanso enquanto estava viva, agora eu quero mais é que ela passe um bom tempo no purgatório.

De repente uma rajada de um repentino vento gelado fez com que objetos caíssem no chão e foi possível ouvi-lo uivando.

Denise deu um grito:

— Virgem Santíssima! E fez novamente o sinal da cruz.

— Eu disse que a velha era terrível, veio me assombrar aqui na Escócia.

— Hum eu acho que isso é coisa das almas daqui mesmo — replicou David.

A essa altura, Denise, uma mulher loira de olhos azuis, que seria facilmente confundida com uma europeia, já estava pálida e com a garganta seca. Bebel deu-lhe um pouco da água que havia levado e a ajudou a sentar.

— Desculpa amor, eu estava brincando — Disse César enquanto segurava sua mão.

— 35 anos de casados e você ainda não aprendeu que eu não gosto desse tipo de brincadeira.

— Uau! 35 anos de casamento! Parabéns! — Comentou Bebel tentando descontraír.

— Vocês estão juntos há quanto tempo? — Perguntou Cesar.

— Na verdade ainda não estamos juntos, embora a Bebel esteja completamente apaixonada por mim, mas conquistar o coração de um escocês não é algo tão simples.

— Eu achei que vocês estavam em lua de mel.

— Talvez eu dê uma chance a ela de se casar comigo!

— Olha meu filho – disse Denise — eu acho que é o contrário hein, porque Bebel é uma moça muito bonita, consegue namorado fácil em qualquer lugar do mundo. Se você não percebeu, por onde ela passa os homens ficam olhando, então se eu fosse você, parava de se achar senão vem outro e fica com ela.

Bebel olhou para ele com cara de deboche.

histórias contadas por David, se dirigiram a uma lindíssima lojinha de presentes onde puderam comprar lembrancinhas para trazer para os amigos e familiares.

David, não sei nem como te agradecer por essa experiência incrível que você nos proporcionou — disse Cesar — agora te aguardamos no Rio para tentar retribuir à altura.

— Nós temos um restaurante de comida brasileira- complementou Denise — e você e Bebel serão nossos convidados de honra. É só nos avisar quando estiverem por lá, que reservaremos nossa mesa mais especial. Espero que até lá vocês já estejam pelo menos namorando.

Bebel e David, ficaram vermelhos.

— Eu com certeza vou sim, agora vamos ver se o Escocês anima de sair dessas terras geladas e encarar os 40 graus da cidade maravilhosa!

— Ah eu tenho certeza de que ele vai querer ficar lá para sempre!

— Quem sabe? Realmente o Rio me fascina muito. Ah proposito, estamos indo assistir o processo de fabricação de whisky, se vocês quiserem, podem nos acompanhar...

— Acho uma ótima ideia – respondeu César!

A experiência na destilaria foi ótima e a essa altura todos já estavam famintos

— Olha eu achei que depois do *full scotish breakfast* eu não iria querer comer mais nada mas me enganei, estou com fome — disse Bebel.

— Podemos ir nesse restaurante aqui em frente — sugeriu David.

Após um almoço super agradável, os quatro se despediram com a promessa de se encontrarem, em breve, no Rio de Janeiro.

Cesar e Denise seguiram para o hotel em que estavam hospedados, enquanto David e Bebel continuaram caminhando pela cidade.

— Agora vou te levar naquela torre que você ficou curiosa pra saber o que era.

— Pois é estamos pertinho, olha ela ali!

Apenas dobraram à esquina e lá estava a imponente torre, vista por Bebel